



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL
Seção II

ANO XXVIII — Nº 15

QUARTA-FEIRA, 28 DE MARÇO DE 1973

BRASÍLIA — DF

SENADO FEDERAL

SUMÁRIO

1 — ATA DA 13^a SESSÃO, EM 27 DE MARÇO DE 1973

1.1 — ABERTURA

1.1.2 — *Fala da Presidência*

— Finalidade da presente Sessão, destinada a comemorar o centenário de nascimento do ex-Senador Eloy de Souza.

1.2 — DISCURSOS PROFERIDOS

SENADOR DINARTE MARIZ, em nome da Maioria

SENADOR DANTON JOBIM, em nome da Minoria

1.3 — FALA ASSOCIATIVA DA PRESIDÊNCIA

1.4 — DESIGNAÇÃO DA ORDEM DO DIA DA PRÓXIMA SESSÃO. ENCERRAMENTO

2 — ATAS DAS COMISSÕES

3 — MESA DIRETORA

4 — LÍDERES E VICE-LÍDERES DE PARTIDOS

5 — COMPOSIÇÃO DAS COMISSÕES PÉRMANENTES

ATA DA 13^a SESSÃO
EM 27 DE MARÇO DE 1973

3^a Sessão Legislativa Ordinária
da 7^a Legislatura

PRESIDÊNCIA DO SENHOR PAULO TÔRRES

Às 14 horas e 30 minutos, acham-se presentes os Srs. Senadores:

Adalberto Sena — Geraldo Mesquita — Flávio Britto — José Lindoso — José Esteves — Cattete Pinheiro — Milton Trindade — Renato Franco — Alexandre Costa — Clodomir Milet — José Sarney — Fausto Castelo-Branco — Petrólio Portella — Helvídio Nunes — Virgílio Távora — Waldemar Alcântara — Wilson Gonçalves — Dinarte Mariz — Duarte Filho — Jessé Freire — Milton Cabral — Ruy Carneiro — João Cleofas — Paulo Guerra — Wilson Campos — Arnon de Mello — Luiz Cavalcante — Augusto Franco — Leandro Maciel — Lourival Baptista — Antônio Fernandes — Heitor Dias — Ruy Santos — Carlos Lindenbergs — Eurico Rezende — João Culmon — Paulo Tôrres — Vasconcelos

Torres — Benjamin Farah — Danton Jobim — Nelson Carneiro — Gustavo Capanema — José Augusto — Magalhães Pinto — Carvalho Pinto — Franco Montoro — Orlando Zancaner — Benedito Ferreira — Osires Teixeira — Fernando Corrêa — Filinto Müller — Saldanha Derzi — Accioly Filho — Mattos Leão — Ney Braga — Antônio Carlos — Lenoir Vargas — Daniel Krieger — Guido Mondin.

O SR. PRESIDENTE (Paulo Tôrres) — Está aberta a sessão.

Conforme deliberação anterior do Plenário, destina-se a presente sessão, em caráter especial, a comemorar o centenário do nascimento do ex-Senador Eloy de Souza, transcorrido a 4 deste mês.

Concede a palavra ao nobre Senador Dinarte Mariz, que falará em nome da Aliança Renovadora Nacional.

O SR. DINARTE MARIZ — (Pronuncia o seguinte discurso.) — Sr. Presidente, Srs. Senadores, esta casa vive hoje um dia de cívismo, de recordação e de louvor, ao evocar a imagem e vida de um dos mais ilustres brasileiros do seu tempo, dos mais cultos nordestinos de sua geração, enfim, de um Senador da República, que ilustrando os anais deste Plenário nele escreveu algumas páginas das mais candentes, de desesperada e trágica beleza.

Tentaremos, em rápidas cinceladas, esculpir a imagem e vulto de Eloy Castriciano de Souza, cujo centenário comemoramos agora, com a admiração nascida do culto à sua memória e ao seu talento, e com a saudade que emerge da lembrança afetiva e paternal do seu convívio tocado pela aura da sabedoria, da inteligência e da bondade.

A inteligência multifacetada e o talento polimórfico de Eloy de Souza fizeram dele um estadista do Nordeste e um político do Brasil, homem símbolo de uma época e expoente de uma geração. Sua pena era o arado, o ancinho, a enxada e a picareta com que trabalhava o terreno das letras para a fecundação das idéias e a frutificação em searas e pomares.

O Jornalista

Eloy de Souza foi, inquestionavelmente, o maior jornalista que pontificou, com inigualável mestria, nas colunas dos periódicos natalenses, em qualquer tempo. Basta que se manuseiem as coleções e os arquivos dos velhos jornais, para se descobrir, nos rastros de sua secunda e fulgurante produção literária, toda a poderosa energia verbal do jornalista e homem de letras culto, polêmico, conselheiro e erudito. Diretor de vários jornais, desde "A Razão", que me coube fundar, até "A República", jornal de Pedro Velho, o seu estilo deixou marcas inconfundíveis de sua personalidade, revelando nos conceitos

EXPEDIENTE
CENTRO GRÁFICO DO SENADO FEDERAL

EVANDRO MENDES VIANA
Diretor-Geral do Senado Federal

ARNALDO GOMES
Diretor-Executivo

PAULO AURÉLIO QUINTELLA
Chefe da Divisão Administrativa

ÉLIO BUANI
Chefe da Divisão Industrial

DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL
Seção II

Impresso sob a responsabilidade da Mesa do Senado Federal

ASSINATURAS

Via Superfície

Semestre	Cr\$ 20,00
Ano	Cr\$ 40,00

Via Aérea:

Semestre	Cr\$ 40,00
Ano	Cr\$ 80,00

(O preço do exemplar atrasado será acrescido
de Cr\$ 0,02)

Tiragem: 15.000 exemplares

emitidos a grandeza e a magnitude de sua figura humana e sentimental, no debate dos grandes problemas, dos seculares problemas da geografia nordestina, de seu povo, de sua luta contra as intempéries e contra as calamidades, sitiados por uma natureza quase sempre hostil e muitas e muitas vezes árida e cruel.

Além dos artigos e editoriais de grande fôlego e lapidar estilo, foi precursor, na seara jornalística, de um tipo de colunismo, de leitura leve e agradável, enfocando problemas e episódios do cotidiano. Notabilizou-se ainda pelo estilo epistolar, divulgando cartas brejeiras e vivazes, sob o pseudônimo de Jacinto Canela de Ferro, onde extravasava toda a rica e estuante seiva de sua alma telúrica e nordestina, revigorada a cada reencontro com o solo natal. O seu estilo tescalava ao "incenso agreste da jurema em flor" no verso imortal de Auta de Souza, sua irmã e poetisa maior das letras potiguares, flor mais pura do romantismo brasileiro na transição do século.

O Conferencista

A seiva da inteligência fluía no cerne e nas artérias de toda a sua família, uma verdadeira pléiade devotada às letras. Foram seus irmãos, Henrique Castriciano de Souza e a poetisa a que acabo de me referir — Auta de Souza —, lumináres das letras provincianas. Henrique Castriciano, notável estilista e conferencista, além de poeta, culto e viajado, dentre muitas realizações de sua inteligência e sensibilidade alinha, em primeiro plano, como decorrência de sua vocação para o magistério, a criação da Escola Doméstica de Natal, estabelecimento modelar e pioneiro no Brasil, cujo prestígio e renome vêm sendo mantidos e aprimorados através dos anos, e que são do conhecimento e orgulho de toda a Nação. Auta de Souza foi a poetisa maior do Rio Grande do Norte, alma de mártir e de santa, fulminada no verão dos

anos pela moléstia que explodindo de seu peito em borbotões de sangue se transmutava em seu espírito em lírico e místico rosário de versos e canções. Os três irmãos, Eloy, Henrique e Auta pertenceram e são patronos da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, numa certidão legal de uma família vocacionada para as letras e a colheita do espírito.

O Político

Mas, onde a personalidade e o vigor mental de Eloy de Souza assume dimensões que ultrapassam os limites geográficos e o calendário histórico, é no terreno da atividade política, da vocação para a vida pública, da visão e antevisão dos fatos e do curso perene da História.

Sua vida é a plenária de conteúdo humano e de atitudes definidas no equacionamento, estudo e descortino da problemática nordestina, mui especialmente no que tange ao secular e aterrador fenômeno das secas.

Era um autodidata, um pesquisador, um planejador, um estudioso e um técnico, obsesso pelo vocação de servir ao seu povo e à sua terra, pelejando sozinho em defesa de suas idéias, numa época em que o pragmatismo era a única solução improvisada para os problemas nacionais, pela carência de técnicos e pela ausência de organismos especializados no estudo e planejamento da problemática regional e nacional.

O Sr. Ruy Carneiro — V. Exa. permite um aparte, nobre Senador?

O SR. DINARTE MARIZ — Com todo o prazer.

O Sr. Ruy Carneiro — V. Exa. está exaltando uma das maiores figuras do Nordeste, o grande potiguar que foi Eloy de Souza. Pertence ele a uma família privilegiada sobretudo pelo talento, possuidora de inte-

ligrância excepcional. Auta de Souza, sua irmã, era também um verdadeiro gênio. Assim se justifica a forma como ele se salientou na vida pública, não só dentro do seu Estado, o Rio Grande do Norte, como em todo o País. Quero dar a nossa solidariedade e o nosso aplauso a V. Exa., por homenagear a memória de uma grande figura do passado, como Eloy de Souza, fazendo a exaltação do filho da sua terra que não somente honrou a terra potiguar mas todo o Brasil.

O SR. DINARTE MARIZ — Grato, Senador Ruy Carneiro, pelo seu aparte, e pela solidariedade ao discurso que pronunciou em homenagem à grande figura de Eloy de Souza, inegavelmente um dos maiores nordestinos, que primeiro sonhou com o desenvolvimento da Região.

Conheceu, mais do que ninguém, pois de perto viveu o drama dos flagelados da seca e a angústia do nordestino forçado a emigrar, tangido pelo vendaval da seca, pelo espectro da fome e pelo fantasma da morte.

Desde o Governo Afonso Pena que dedicou o melhor de seus esforços, atenção e estudo, aos problemas da seca do Nordeste. Nenhum parlamentar de seu tempo possuiu maior acervo de dados, notas, observações, registros e estudos a respeito do problema das secas. Nas viagens feitas à Europa e África, longe de se deslumbrar com o espetáculo das terras, museus e paisagens deslumbrantes, virgens aos seus olhos de arguto observador, detinha-se na avaliação e análise dos métodos usados por civilizações remotas e contemporâneas para minorar os efeitos do flagelo da estiagem e descobrir novos padrões de felicidade social, com o aproveitamento dos costumes e dos estilos de tratamento das culturas visitadas.

Autêntico advogado do Nordeste verberava em palavras candentes de indignação e sagrada ira, as distorções que muilavam o

Nordeste dentro do contexto nacional, denunciando o êxodo das populações nordestinas, vitimadas pela fome e pela sede, empobrecendo de valores humanos a gleba de nascimento, para enriquecer de trabalho e pujança a economia do Sul. Apontava, com dados realísticos e estatísticos o desnível entre o Nordeste e o Sul, e, mais do que isso, a injustiça secular cometida contra todo um povo e toda uma região, comprovada até na massa dos impostos arrecadados e dispendidos, pois sempre a Nação arrecadava mais no Nordeste do que o que lá dispêndia.

A multiplicidade dos problemas que afigem o Nordeste e o elenco de soluções avitadas estão enfeixados nos discursos e conferências que publicou em livro, sob o título "O CALVÁRIO DAS SÉCAS". Defende ali a política de açudagem, notadamente a construção de grandes reservatórios como solução maior, quando pleiteia "a construção de barragens gigantescas cuja massa líquida se conte por muitos bilhões de metros cúbicos, destinados a fertilizar terras combustas, iluminar cidades, permitir a criação de indústrias que valorizem o trabalho sertanejo, para que possam ter os sertanejos saúde, conforto e riqueza". Estudou o problema da seca, as florestas, a irrigação, a perfuração de poços, os rios perenes, a pluviometria, a drenagem, até chegar à sua obra maior que foi a elaboração pioneira da legislação sobre as secas, desde a instituição do "Fundo de Irrigação" até a criação da "Inspetoria Federal de Obras Contra as Sécas", cujos méritos foram incontestáveis e valiosíssimos, mal grado as deformações com que o clientelismo maculou, na prática, os altos objetivos da instituição.

O primeiro projeto apresentado no legislativo brasileiro sobre o problema das secas remonta a agosto de 1911, e foi de autoria do então deputado Eloy de Souza. Esse projeto serviu de base à lei que o Congresso votou em dezembro de 1919, quando exercia a Chefia da Nação o Presidente Epitácio Pessoa. O projeto vitorioso enfrentou ainda em embrião a contestação de técnicos que preconizavam soluções mirabolantes lastreadas em traçados fantásticos e projeções de dados e números de pura ficção. O projeto que se contrapôs ao do Dr. Eloy de Souza pugnava, como solução para o Nordeste, o desvio do Rio São Francisco, recusava a açudagem e montava um esquema construído sobre alicerces movediços, distante da clamorosa, urgente e palpável realidade no habitat nordestino.

Em uma série de notáveis artigos e discursos, escritos ao correr da pena, valendo-se da experiência e da memória, sem auxílio de livros e planos, sem assistência de técnicos, defendeu a tese vitoriosa, com a autoridade prática e o "saber de experiência feito", o conhecimento aprendido na vivência das horas, dos problemas e dos dramas das populações famintas e sofredoras.

Nesse assunto, o Dr. Eloy de Souza era o que sabia das coisas. Dele dizia a autoridade indiscutível do mestre Luiz da Câmara Cascudo:

"Eloy de Souza era o sabedor de todos os segredos, o mateiro que se orienta

na mata pela memória automática do caminho percorrido".

Testemunha maior dessa sua atuação na batalha das secas é a ressonância nacional que obtiveram os seus escritos, publicados e reproduzidos em todos os jornais do País, do Acre ao Rio Grande do Sul, de onde surgiam as solidariedades e os aplausos da consciência brasileira.

Na justificativa apresentada ao projeto sobre irrigação, em 1911, Eloy de Souza faz um estudo minucioso e comparativo com a problemática e a legislação de outros países, especialmente os Estados Unidos, para demonstrar que por mais elevados que sejam os custos das obras, incluindo até os ônus da amortização e juros de capital, vale a pena investir, porquanto o valor das colheitas ultrapassará de sobra os dispendios efetuados. Já naquela época, apontava os obstáculos que se antepunham à atividade agrícola privada, enumerando, dentre tantos, os juros altos e dificuldades que impossibilitavam ou oneravam excessivamente os agricultores para obtenção de empréstimos como auxílio temporário, e que nos Estados Unidos levou o Presidente Coolidge a solicitar do Congresso a criação de um Fundo de Crédito pelo Governo no qual os colonos pudessem obter o capital destinado a auxílios permanentes para compra de gado e utensílios indispensáveis à manutenção produtiva das fazendas.

Sua atividade parlamentar, repetidas vezes, foi comentada, na época, com realce, pelo austero e severo JORNAL DO COMÉRCIO, do Rio de Janeiro. Na edição de 22 de setembro de 1911, foi estampada uma carta do geólogo Roderic Crandall, da qual destacamos o seguinte trecho:

"Uma das provas mais importantes deste progresso do Brasil manifesta-se no programa de desenvolvimento dos Estados menos favorecidos pela natureza, que foi recentemente apresentado ao Congresso pelo Dr. Eloy de Souza, deputado pelo Rio Grande do Norte".

Uma outra autoridade mundial, o Sr. G.A. Waring, dirigiu ao então Inspetor de Obras contra as Secas, uma carta que diz:

"Com grande interesse acabo de ler o projeto de lei apresentado ao Congresso pelo Dr. Eloy de Souza, para a construção de obras de irrigação no Nordeste do Brasil. Os lucros que ele apresenta como devendo ser obtidos pela irrigação são favoravelmente dignos de confiança, mas o modo pelo qual ele apresenta o assunto tende a criar a opinião de que uma grande renda imediata adviria dali ao Governo Federal. Não acredito que isto aconteça, pois a população atual da Região é muito exígua para o cultivo de áreas extensas. Depois, porém, que esteja conhecido em outros países quanto é saudável o clima do Nordeste do Brasil, a região terá um rápido desenvolvimento agrícola, e assim que as grandes obras, conquanto só produzam uma renda pequena durante alguns anos, mais tarde se tornarão grandemente e permanente valorizadas. Examinei com cuida-

do cada artigo da lei proposta. Algumas disposições são necessariamente diferentes das contidas na lei da RECLAMATION SERVICE, dos Estados Unidos, mas tanto quanto me permite julgar o conhecimento que tenho das condições do Brasil, os detalhes do projeto me parecem conducentes ao desenvolvimento adequado das regiões a serem irrigadas. No seu conjunto creio que este projeto oferece a única solução do problema das secas".

Junte-se a essa opinião abalizada e insuspeita o brilhante parecer do deputado Otacílio de Albuquerque, transscrito no JORNAL DO COMÉRCIO, edição de 28 de setembro de 1919, sobre o projeto, e que assim conclui:

"E, encaminhando os seus esforços, a sua vontade enérgica, o seu patriotismo para a melhor política, "que é a que melhor governa, a que suaviza as formas materiais da existência, que sabe desentranhar das situações difíceis, das atualidades adversas, dos momentos de confusão e perigo, gérmenes de prosperidade, elementos de ordem, meios de governo", o sr. Presidente da República terá os aplausos da nossa nacionalidade, o apoio franco, leal, decidido do Congresso Nacional para quem, mais uma vez apelamos, submetendo à sua doura apreciação o seguinte projeto de lei, onde estão compendiadas as ideias contidas na mensagem que, sobre as secas, dirigiu ao Parlamento o Chefe do Poder Executivo, combinadas com as disposições, magistralmente estabelecidas no projeto do ilustre Senador Eloy de Souza".

A sua permanente e infatigável campanha em favor do Nordeste, na luta contra os efeitos calamitosos das estiagens, tornou-o cavaleiro armado dessa legião, e lhe valeu a indicação pelo Governo Federal, através de seu Ministro da Indústria, Viação e Obras Públicas, para organizar o primeiro regulamento da Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas. A esse respeito transcrevemos o que divulgou o JORNAL DO COMÉRCIO, de 3 de junho de 1907:

O SR. RUY CARNEIRO — Senador Dinarte Mariz, perdoe-me V.Exa. por mais esta intervenção. A Paraíba esteve sempre irmada com o Rio Grande do Norte. O Deputado cujo nome V. Exa. acaba de citar e que terminou como Senador pelo Estado da Paraíba, o grande educador e médico, Dr. Otacílio de Albuquerque, era representante da Paraíba e já estava irmado com o Rio Grande do Norte, àquela época, na campanha de Eloy de Souza.

O SR. DINARTE MARIZ — Na verdade, nobre Senador Ruy Carneiro, a natureza nos irmanou e os homens têm que conservar essa afetividade, enquanto houver bom-senso no seio da família brasileira.

Leio o que diz o JORNAL DO COMÉRCIO daquela data:

"Na legislatura passada, na Câmara dos Deputados, entre os inúmeros discursos pronunciados, um houve que despertou a atenção dos seus membros, en-

tre os quais figurava o de dr. Miguel Calmon, hoje Ministro da Indústria, Viação e Obras Públicas. O orador foi o deputado ELOY DE SOUZA, representante do Rio Grande do Norte, que pronunciou um discurso sobre a seca implacável que há muitos anos vem assolando o seu Estado natal, o Ceará, a Paraíba e outros. Nesse discurso, depois do exórdio mostrando a situação austral e dolorosa dos nossos patrícios do Norte, o sr. deputado Eloy de Souza encarou a questão sob o ponto de vista técnico e científico, reclamando do governo providências salvadoras. Agora, o sr. Ministro da Viação, recordando-se das palavras do seu então colega, encarregou-o de fornecer ao governo dados técnicos para umas bases regulamentares que permitissem organizar de vez um serviço preventivo e eficaz contra aquele flagelo. Essas bases já estão organizadas de acordo com a lei de 1904 e autorização da vigente lei orçamentária. Elas definem os trabalhos para combater o mal e as condições pelas quais o governo tem que as executar, bem como as relações da União e dos Estados para esse fim. Na quinta-feira da próxima semana, o sr. Ministro da Indústria submeterá à assinatura do Chefe do Estado, as referidas bases regulamentares.

Eis, Srs. Senadores, o testemunho de uma época a respeito do dr. Eloy de Souza, cuja memória reverenciamos hoje. Nós que o conhecemos de perto, o admiramos e o estimamos, ainda escutamos em nossos ouvidos o eco de suas palavras, de seus conselhos, de seu entusiasmo como falava a respeito do Nordeste e dos nordestinos. Parece que estamos ouvindo-o falar quando dizia: —

“O Nordeste é uma região visceralmente brasileira, aquela onde o sangue dos cruzamentos primitivos ainda conserva as virtudes e os defeitos que exaltaram o nosso patriotismo nas guerras remotas contra a invasão de numerosos povos, cobiços das nossas riquezas e nas lutas mais recentes pela independência e unidade do Brasil”.

Como soam atuais e vivas essas palavras, essa invocação desesperada e esse apelo candente, de uma contemporaneidade que assusta e deslumbra!

Não resistimos às emoções relendo a sua obra, modelo de imaginação, escola de civismo, exemplo de patriotismo e para aqui traremos trechos de três dos seus magistrados artigos, intitulados: “Trindade Infeliz”, “A Área Flagelada e Seus Habitantes”, “Até Quando Seremos Retirantes?”, e a transcrição, na íntegra, de “As Secas e a Defesa Nacional”.

De “A Trindade Infeliz”:

“No longo martírio do nordeste há uma lição que é sempre oportuno recorde. O Ceará, a Paraíba e o Rio Grande do Norte constituem a trindade jungida à calamidade das secas. Através de séculos o flagelo nos tem irmado no

mesmo destino de miséria. Há entretanto uma verdade que assinalamos, não com o intuito de censurar o irmão inteligente e vigilante no grangeio de benefícios, mas sim visando precisamente louvar-lhe a tenacidade da ação, na defesa do interesse coletivo, iniciada desde tempos remotos e seguida sem desfalecimento através dos anos.

“A Paraíba e o Rio Grande do Norte não madrugaram como a Província limítrofe, no empenho de medidas locais adequadas à atenuação dos efeitos das secas, atividade benemérita de alguns dos seus administradores e representantes no Parlamento, prestigiados por contemporâneos ilustres domiciliados no Rio de Janeiro”...

E, adiante:

“A maior e mais larga assistência dispensada a essa Província em 1877, contrastando com a parcimônia dos gastos aqui e na Paraíba, é um fato de indiscutível evidência. A explicação está no prestígio dos seus representantes e maior irradiação política e intelectual da Província. Devido a essa circunstância foram para o Ceará, naquela ocasião, engenheiros notáveis, afamados jornalistas, estrangeiros de acatado valor científico. A imprensa do Rio de Janeiro habituou-se a falar muito e sempre da seca do Ceará; e mesmo quando se ocupa das Províncias açoitadas pelo flagelo, não é senão para bradar mais forte pelas vítimas cearenses, a nobre gente que de longa data mereceu o primado da cultura nordestina, na expressão de sua literatura, que teve em José de Alencar o fundador de uma escola de grande projeção nas letras nacionais.

“Aquela campanha, parecendo unilateral, foi, em verdade, o primeiro brado pela redenção do Nordeste; e é ao esforço e à atividade do cearense que devemos o início de uma cruzada, na qual a fraternidade no transcurso dos anos nos uniu para a vitória infalível.

O Sr. Waldemar Alcantara — Permite V. Exa, um aparte?

O Sr. DINARTE MARIZ — Com muito prazer.

O Sr. Waldemar Alcantara — Gostaria de juntar uma palavra de aplauso à iniciativa de V. Exa., que traz à recordação a figura de um dos homens que realmente marcaram época no Nordeste: Eloy de Souza, político, sobretudo um sociólogo que, àquele tempo, já via com visão bastante esclarecida o problema do Nordeste brasileiro. As suas ideias, que eram novas naquele tempo, ainda hoje podem ser desenvolvidas como atuais, e isto só marca o espírito e a elevação com que ele defendeu os interesses do Nordeste. A situação, daquele tempo a esta parte, mudou mas ainda não completamente. E de se esperar que as novas administrações, como a atual cada vez mais empenhada na recuperação do Nordeste, possam afinal programar o progresso e o desenvolvimento da região. Ainda ontem, estámos informados, o Presidente da República aprovou Exposição

de Motivos do Ministro do Planejamento, na qual se propõem várias medidas, vários programas em relação ao Estados do Ceará, Maranhão e Piauí. É mais uma medida com que, talvez, Eloy de Souza já sonhava: a criação de um polo de desenvolvimento no Nordeste, tipicamente nordestino, com sede no Ceará. Louvando a iniciativa de V. Exa., acho por bem fazer este registro que para nós nordestinos representa realmente uma grande esperança.

O SR. DINARTE MARIZ — Agradeço o aparte de V. Exa.

Vê-se como dentro do tempo se confirmam as idéias do passado. Já naquela época destacava o Dr. Eloy de Souza a influência, as atividades do cearense em relação à defesa da Região nordestina, chamando a si o interesse maior para suas terras.

O decreto que V. Exa. acaba de anunciar vem efetivamente trazer para o Ceará aquele benefício que todos aplaudimos — enquanto a Paraíba e o Rio Grande do Norte ficam aguardando novo decreto para que possamos, como V. Exa., exaltar o ato do Governo atual.

O Sr. Virgílio Távora — Permite V. Ex^a um aparte?

O SR. DINARTE MARIZ — Com muito prazer!

O Sr. Virgílio Távora — Trabalhar é um dos apanágios do cearense. Trabalhar, lutar contra a natureza agreste, contra o clima que nem sempre recompensa a sua faina cotidiana. E o ato de ontem nada mais é do que o reconhecimento, pelo Senhor Presidente da República, no alto do seu descontino, daquilo que apresentamos como realidade — a necessidade de atender à zona semi-árida, fora do Vale do São Francisco, já no momento tão beneficiado pelo PROVALE, e ao mesmo tempo o reconhecimento de que a nossa Capital tem aquelas condições básicas para ser o terceiro polo de desenvolvimento. Nesta batalha, em que sempre nos empenhamos, vemos hoje um grande aliado, o Presidente da República, e, concomitantemente, um grande admirador de todo o nosso trabalho — V. Ex^a, digno seguidor de Eloy de Souza.

O SR. DINARTE MARIZ — Agradeço o aparte de V. Ex^a e me regozijo com o ato do Senhor Presidente da República, não só indo ao encontro dos nordestinos, dos cearenses e daqueles dos outros Estados contemplados no seu decreto, mas também pela sábia política que introduziu no Vale do São Francisco, realmente o Rio da Integração Nacional. Aqui estou, portanto, para louvar e exaltar aqueles atos que vêm em benefício da nossa Região, esteja ele alcançando o Ceará, o Maranhão, o Piauí, Pernambuco, Bahia, Rio Grande do Norte ou Paraíba. Apenas registrei no momento — e por oportunidade que acho — a declaração do Dr. Eloy de Souza quando salientava o trabalho e a vivacidade do cearense.

Continuo, Sr. Presidente:

“No registro dos fatos não nos queixamos. Recordamos apenas uma lição que constitui até motivo para lembrar o nosso agradecimento, nessa peleja tão comídia pela região martirizada.

"Em 1877 não tivemos por nós, à falta de tais elementos, nem mesmo a munição imperial. Dos oitenta mil contos ou mais, então dispendidos nas Províncias assoladas, nos couberam apenas seis mil e oitocentos contos.

"Quem lê os relatórios do Presidente Rodrigo Lobato, confrange-se com as angústias desse administrador, penosamente devotado à tarefa de aliviar as amarguras de uma Província açoitada pelo maior flagelo da nossa história, sem assistência proporcional ao vulto da catástrofe. Esse calvário durou catorze meses e custou a vida de 100.000 conterrâneos, em paralelo com o infeliz Ceará, que perdeu talvez 400.000.

"A campanha de que foi pioneira a Terra da Luz, tem na solidariedade nunca interrompida a virtude de nos haver fortalecido pela sabedoria com que nos temos mutuamente ajudado. Graças a essa solidariedade, que é hoje a de todos os brasileiros, pelo testemunho de leis inequívocas, o problema está estudado e tecnicamente resolvido.

"Embaraçar a construção das obras é um ato criminoso, como criminoso seria revogar a vontade da Nação.

"É uma injustiça suprimir nessa jornada os passos dos políticos e homens públicos. Sem o seu esforço, sua tenacidade e esclarecido patriotismo a ciência não teria tido oportunidade de proclamar o valor da engenharia brasileira, nos projetos que vão sendo executados, não obstante opiniões apressadas, como a do autor do "O Problema das Secas no Nordeste Brasileiro".

Em "A Área Flagelada e Seus Habitantes", vamos encontrar esta página antolórica:

"É preciso deixar bem claro, mais uma vez, que os nordestinos não têm nenhuma malquerença aos irmãos do Sul, cuja prosperidade crescente é para todos motivo de contentamento. Por estas terras adustas medram cardos que as vezes não florescem à mingoa de uma gota de orvalho, vinda do céu que as longas estiagens mais distanciam da terra. Não medra, porém, a inveja, origem talvez da ambição que nos tem faltado como estímulo indispensável ao granjeio de riqueza. Somos, entretanto, trabalhadores esforçados e tanto mais dignos de amparo quanto nunca sabemos se nos será dado colher os frutos do nosso trabalho.

"Sem embargo dessa dúvida cruciante não paramos, nem desanimamos. Caminhamos sempre e temos progredido muito.

"A nação não desconhece, felizmente, o heroísmo dessa marcha consciente para um destino no qual nos havemos de encontrar, Sul e Nordeste, igualmente prósperos e felizes.

"Aos pouquíssimos brasileiros ainda não convencidos do nosso valor no Passado e no Presente pedimos apenas que

se lembrem das guerras contra os holandeses e paraguaios, das lutas pela Independência e também pela conquista do Acre. Por caridade, se lembrem e não ratinem as migalhas despendidas nas Obras Contra as Secas, juros dessas dívidas, parcela infinitesimal da nossa contribuição para os melhoramentos propulsores do progresso e da riqueza do Brasil".

Do artigo "Até Quando Seremos Retirantes?", destaquei os seguintes tópicos:

"Um dia será também contada a mais bela história do Brasil, quando desse flagelo já longo de séculos, esquecida a criminosa imprevidência, não houver senão a recordação da heróica resistência dos nordestinos a tamanho infortúnio"...

"A palavra **retirante** circulará, sabe Deus; até quando, para martírio dos homens de coração. Sua crônica por mais remota que seja confrange e apieda. Sempre que lemos a narrativa de calamidade de 1791 a 1793, os seus quadros nos emocionam como se estivéssemos presenciando esses episódios tão distantes e sem embargo tão vivos para aqueles que como nós assistiram outras cenas igualmente horripilantes.

"A piedade toca ao coração dos que leem ou ouvem essas narrativas inacreditáveis todavia verdadeiras. Os homens públicos, porém, têm o dever de passar da piedade à ação, promovendo os meios de atenuar os efeitos desse flagelo e acreditar na ciência e na lição dos outros povos para realizar, assim, a obra redentora que secularmente desafia a nossa inteligência. Essa obra tem de ser e precisa ser apressada com decisão e continuidade.

"A confiança que inspira o nordestino por todas as demonstrações de sua coragem, amor à terra natal e aptidão inexcusável para o exercício de todas as atividades, obriga ainda mais esse propósito de finalidade econômica que não interessa apenas a uma região mas a todos o País..."

"O futuro dirá, quando a irrigação estancar esse nomadismo, o que valemos como povo e quanto o País perdeu retardando a redenção do Nordeste".

Finalmente, Sr. Presidente, Srs. Senadores, permito-me transcrever, na íntegra, pela sua atualidade e importância, esse artigo genial que é "As Secas e a Defesa Nacional". Nele, dizia Eloy de Souza:

"A demografia do Nordeste merece algumas considerações oportunas. Agora que está em foco o nacionalismo, como expressão da vitalidade e das qualidades ancestrais da raça, não há mal nenhum em lembrar que, sob esse ponto de vista, está no Nordeste o cerne da Nação. Esse cerne poderia ser muito mais rijo, se outra tivesse sido a seiva que o nutriu. Somos, numa população de quarenta e cinco milhões, mais de quinze milhões de brasileiros, constantes e alertas no cumprimento de todos os deveres com a Pátria. Nunca deixamos de servi-la, des-

de os primórdios da nacionalidade. Desajudados da Metrópole, expulsamos todos os invasores que pretendiam radicar-se no Nordeste. Alguns, depressa, retornaram derrotados aos seus países de origem para nunca mais se lembrarem de repetir as investidas conquistadoras. Os mais tenazes, aguerridos e possuidores de meios mais eficazes à realização do seu intento se é verdade que aqui permaneceram durante largos anos, não é menos verdade que por igual tempo durou a reação das três raças confundidas para o mesmo sacrifício do sangue deramido na primeira guerra brasileira, em defesa da integridade de uma pátria ainda em formação, mas onde já latejava, em toda a sua força, o orgulho de conservarmos unido o imenso território descoberto para o culto da fé cristã e de uma civilização que não desmentiria esse sentimento coletivo.

"Se somos hoje mais de quinze milhões, é lícito perguntar quantos seríamos se o nosso crescimento se tivesse processado normalmente, sem a dizimação impiedosa das secas flageladoras. Não é apenas somente o número que nos importa indagar, mas importaria também, e talvez muito mais, perguntar o que seria hoje o Nordeste, como centro econômico e cultural, se a previdência dos governos logo de saída à nossa emancipação política se tivesse empenhado em libertar-nos de um castigo injusto e imerecido, que, por uma ironia do destino, atingiu a totalidade da Nação, desfalcando-a de colaboradores eficientes da sua grandeza e prosperidade.

"Não se veja nestas nossas palavras evita de regionalismo, vila de que está livre a nossa consciência. Não há no descurso de uma campanha tão longa como a que fizemos pela redenção do Nordeste, uma palavra, um conceito, uma alusão, sequer, que a tivesse maculado, procurando gerar prevenções do Norte contra o Sul e estabelecendo, desta sorte, rivalidades criminosas.

"Sempre timbramos em considerar o problema das secas da altura de um problema nacional e pela sua complexidade o mais fundamentalmente brasileiro, dada a sua correlação com a totalidade dos interesses vitais do Brasil.

"Intelectualmente capazes, deram os nordestinos provas sobejas dessa capacidade nas luzes dos seus estadistas, no fulgor dos seus poetas, na excelsitude dos seus oradores, na bravura, disciplina e espírito de sacrifício dos seus soldados. Custa crer que pudéssemos dar tanto e fazer tanto num regime de subnutrição, que, tendo contribuído para a redução da nossa estatura física, não sabemos por que milagre não diminuiu as nossas forças espirituais a um mínimo chocante, em comparação com os brasileiros do Sul.

"Quando éramos muito jovens e ainda longe estávamos de pensar em arrostar com as responsabilidades e sofrermos os percalços do homem público nes-

te País, ouvimos certa vez de um sertanejo rústico, mas inteligente e observador, a propósito do tipo miúdo dos nossos bovinos, a declaração de que, se continuassem as secas, não seria somente o gado que ficaria mirim, mas também o homem, que se tornaria anão.

Homem já velho, pode acrescentar com segurança que os sertanejos anteriores à seca de 1877 eram bem mais altos e mais robustos do que os que tiveram a desgraça de nascer depois daquela calamidade, seguida de outras que diminuíram ou privaram o homem da carne e da farinha com que ele tinha sido criado.

"Hoje não é diferente a lição dos antropologistas, documentada, entre outros, por Valério Konder, Gilberto Freyre e Rui Coutinho. Franz Bôas, talvez o mais ilustre de todos, afirma que nos últimos setenta anos a estatura média do europeu aumentou mais de uma polegada, graças aos meios de defesa da saúde coletiva. Os filhos de boêmios, slováquios, húngaros e poloneses, devido a condições mais favoráveis de subsistência nos Estados Unidos, são ali bem mais altos do que os nascidos na Europa; e lembra, em certa altura, que as condições do meio prejudicam o homem física e mentalmente.

"A advertência deve por em guarda a nação, relativamente ao Nordeste, onde a subnutrição é o fator constante de uma inferioridade física que bem pode acabar por afetar as nossas qualidades de inteligência e a fortaleza espiritual que ainda felizmente continua a distinguir-nos.

"Não há exagero em dizer que a subalimentação no Nordeste chegou ao extremo, e que o nordestino é no Brasil um morto à fome, principalmente nas terras úmidas do litoral, onde a fraqueza por inanição é agravada em razão da desgraça produzida pelo anquilostomo e pelo impaludismo. Compõe ver a lentidão do crescimento das crianças nordestinas, muito mais vagaroso do que o crescimento das crianças dos bairros pobres da América, assinalado por aquele antropologista.

"Essa correlação entre a estatura e o crescimento atribuída à alimentação, se tem verificado em toda parte e de tal sorte que Montandon, na citação de Rui Coutinho, destaca o exemplo notável de ter a fome na Rússia causado a diminuição da estatura daquele povo.

"Parece-nos ainda mais digno de ser notado o fato do aumento de crescimento das crianças japonesas, em correspondência com a alimentação láctea, em maior quantidade do que a habitual. Povo que antigamente e praticamente desconhecia esse alimento, utiliza-o atualmente em proporção considerável por conselho dos seus sanitários, com o fim de melhorar a estatura da raça.

"Já houve quem pensasse, porventura, no aspecto demográfico-militar das secas em relação à defesa nacional? Esta simples exposição focaliza-o, para o fim de justificar ainda mais a necessidade de

apressar a solução do problema, numa hora em que o governo está tão justamente empenhado em fortalecer o poder das nossas forças de terra e mar.

"Não há nenhum brasileiro bastante imprevidente e tão pobre de patriotismo que seja capaz de opor qualquer objeção a esse dever inelutável, num momento em que, mais do que nunca, a paz, a ordem e a tranquilidade do Brasil têm no Exército e na Armada a sua garantia mais vigilante e eficiente.

"Se é, porém, indispensável para esse reerguimento, material bélico adequado, tanto ou mais necessário se faz que o soldado possa ser verdadeiramente soldado, por qualidades físicas que lhe aumentem e estabilizem o valor moral e espiritual.

"No Nordeste está um imenso viveiro de jovens aptos pela idade para o serviço militar, mas não sabemos se estarão pelas condições de saúde e pela estatura exigida pelos regulamentos. O que distingue o estadista é a previsão. E foi talvez essa previsão, postos de lado os motivos humanitários e econômicos, que levaram os deputados à última Constituinte a inscreverem na Constituição de 16 de julho de 1934 o artigo 177 estatuindo um plano sistemático de defesa contra os efeitos das secas, plano permanente e a cargo da União, obrigada a despesar com as obras e os serviços de assistência quantia nunca inferior a quatro por cento de sua receita tributária sem aplicação especial.

"Cabe-nos agora dizer ao ilustre professor da Escola Politécnica de São Paulo, bom brasileiro e certamente bom patriota que a lei regulamentadora desse artigo determinou a construção das grandes obras de irrigação, sem as quais os efeitos das secas continuariam a depauperar a economia da região, enfraquecendo a riqueza coletiva, ofendendo por igual a sensibilidade da Nação, por uma desumanidade afrontosa à civilização e, por fim, diminuindo o poder militar do Brasil, pela forma que acabamos de expor.

"O douto professor não comprehende que se pleiteie a irrigação sistemática para o Nordeste e pergunta para que ela servirá.

Serve para tudo isto, lhe respondemos nós; e ninguém dirá que tudo isto não seja uma grande obra, verdadeiramente construtora de um Brasil novo".

Sr. Presidente, Srs. Senadores, são ainda da autoria do nosso homenageado — o saudoso Senador Eloy de Souza —, os seguintes livros publicados:

- 1 — "Alma e Poesia do Litoral do Nordeste";
- 2 — "Costumes Locais";
- 3 — "Cartas de um Desconhecido";
- 4 — "Tobias Monteiro — Jornalista historiador";
- 5 — "Calvário das Secas";
- 6 — "Getúlio Vargas e o Estado Nacional";

7 — "A Política Financeira e as Cai-xas Econômicas";

8 — "Memórias", em três volumes (ainda inéditas).

Srs. Senadores, a personalidade, o talento, a cultura, o pensamento e a luta do Dr. Eloy de Souza merecem estudo e livro, tal a riqueza e profusão de fatos em que se viu envolvido e deles participou na sua longa vida pública, em que não ensarilhou um momento sequer o seu bacamarte de nordestino — a pena com que escreveu páginas dignas de figurar na antologia política, oratória e jornalística do País.

Lídador daquela dinastia espiritual e política fundada pelo republicano Pedro Velho, genuína e eminentemente político, sua vida foi o testemunho eloquente de que num só homem se podem somar a visão superior do político e o conhecimento especializado do técnico. Sua existência foi um hino de amor à terra, pelejando sempre sem ambições frívolas ou pessoais, pois ao atingir a senectude era um homem pobre, nunca chegando a amealhar fortunas ou a edificar patrimônios.

Sua infância e adolescência vividas em Macaíba, no Rio Grande do Norte, marcaram as páginas recordatórias escritas nas suas Memórias — três volumes a serem publicados brevemente pela Fundação José Augusto —, onde encontramos o calor humano e o idealismo do jovem em formação, nascido e vivido entre senhores de escravos mas que era um abolicionista nato, nascido e vivido no Império, mas que era um republicano da mais pura gema.

Não podemos permitir que a poeira do tempo se acumule sobre a cabeça e a memória de um cavaleiro dessa estirpe, mas devemos soprá-la, vez por outra, como hoje o fazemos, para que a sua imagem ressurja e sua figura se reavive, e as gerações possam nele se inspirar como exemplo imorredouro para a vida pública, bebendo no seu manancial de observações sociológicas, etnológicas, literárias, políticas e jornalísticas, o leite da coragem, da sabedoria e da inteligência nordestinas, a serviço do Brasil.

Meus Senhores!

"Pior do que caminhar quarenta anos no deserto é chegar à Terra da Promisão e ter saudades do deserto".

Com a evocação deste trecho luminoso, cívico e profético de um discurso de Eloy de Souza, proferido em 1906, na Câmara dos Deputados, deixo aqui a homenagem maior desta Casa e do meu amado Rio Grande do Norte, à figura ímpar e à memória inapagável de um lídimo varão da República, cujo exemplo e vida devem ser fontes inexauríveis de inspiração às novas gerações de homens públicos que amem verdadeira e fervorosamente o Nordeste e o Brasil, e desejam a prosperidade de uma Pátria integrada e unificada no desenvolvimento harmônico e sem fronteiras, da cultura e da nacionalidade brasileira.

Recordo-me de haver lido, certa vez, em certo livro, uma frase lapidar que assim dizia: "Aquele que foi de seu tempo, é de todos os tempos".

Eloy de Souza, foi um homem de seu tempo. Mais do que isso, no seu tempo vivia e sentia, numa anteviçao divinatória, os problemas, os sonhos e os anseios do futuro. Por isso ele é de ontem, de hoje, e de sempre, na perenidade da história e do tempo. (Muito bem! muito bem! Palmas. O orador é cumprimentado.)

O SR. PRESIDENTE (Paulo Tôrres) — Concedo a palavra ao nobre Senador Danton Jobim, que falará em nome do Movimento Democrático Brasileiro.

O SR. DANTON JOBIM (Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, Srs. Senadores, a homenagem foi prestada. Tudo que se poderia dizer a respeito de Eloy de Souza, Dinarte Mariz esgotou no seu substancioso discurso que, se não me deu nenhum elemento novo, porque conheci de perto a figura admirável do nosso homenageado de hoje, trouxe-me entre tanto à memória uma série de fatos que, sem dúvida, contribuem para dar alguma substância ao meu pobre discurso.

A Bancada do Movimento Democrático Brasileiro não pode deixar de associar-se ao registro que hoje fazemos da passagem do Centenário de nascimento desse grande homem público, com visão de estadista, que foi Eloy de Souza.

Trata-se, não há dúvida, de fazer justiça aos seus grandes méritos — ele os teve — mas também de apontar às gerações de hoje o notável exemplo de dignidade, de operosidade e competência dado por um político que honrou o Congresso Nacional, em cerca de quarenta anos de representação, em ambas as Câmaras.

O orador que me precedeu, o nobre representante da ARENA, Senador Dinarte Mariz, acentuou que, naquela época de pragmatismo, em que era pobre a nossa elite de especialistas nos problemas econômicos e sociais, Eloy de Souza se destacou como perfeito conhecedor de problemas que eram versados, então, somente num tom empótivo, num tom emocional. Com efeito, ele tinha capacidade para estudar a fundo esses problemas, não apenas mercê de seu extraordinário talento e da vasta cultura geral que o alicerçava, mas também pelo seu sentido de objetividade, pela sua reconhecida sensatez. Ele nos dá a imagem de um político armado de boa cultura, de inteligência vivaz e de grande patriotismo. O que pode fazer um político nestas condições para a solução dos grandes problemas nacionais? — O êxito extraordinário que alcançou Eloy de Souza na sua carreira política, que ganhou o acatamento, o respeito, a admiração dos que acompanharam a sua vida, se deve, em grande parte, àquela circunstância a que se referiu o orador que me precedeu: o fato de ser ele, também, um jornalista. Jornalista não apenas d'“A Razão” e d'“A República”, não apenas da imprensa do seu Estado, onde militou com sucesso, mas ainda em vários órgãos da grande imprensa nacional.

A imprensa, por essa época, de improvisoção, quando ainda não dispúnhamos de universidades, substituía sem dúvida, a formação universitária. Daí saíram grandes homens públicos que se revelaram não apenas

no trato dos assuntos meramente políticos, mas ainda no dos grandes problemas econômicos, financeiros, jurídicos e sociais. Alguns se revelaram condutores admiráveis em vários setores da Administração Pública, consequência da sua imensa curiosidade de jornalistas, que os fazia ler atentamente tudo o que lhes passava sob os olhos e procurar conhecer tão rapidamente quanto possível a essência das questões que deveriam ser versadas para o grande público.

As grandes batalhas de Eloy de Souza foram travadas em mais de um desses setores, mas, por certo, as mais belas, as mais admiráveis o foram no campo da luta contra as secas.

Testemunha sensível das tragédias dos seus irmãos castigados quer pelas longas estiagens, quer pelas cíclicas inundações, ele como que se constituiu voluntariamente o procurador de todo um povo admirável, pleno de qualidades já cantadas em prosa e em verso por nossos maiores escritores, aquele que melhor representa, sem dúvida, o cerne da brasiliadade — o povo do Nordeste.

Entretanto, não se poderia dizer que Eloy de Souza fosse um técnico; era, antes de tudo, um sociólogo e um político. Conhecia os problemas porque se abeberava do conhecimento dos peritos, dos especialistas, mas penetrava-os com a agudeza de pensamento que era muito sua, e temperava as lições que recebia dos que minuciosamente conheciam aspectos isolados do problema, com a sua vasta vivência nordestina.

Porque ele se sentia realmente um homem do Nordeste, integrado no mundo nordestino; e porque punesse muita paixão no desempenho do mandato que recebera do berço, é que Eloy de Souza conseguiu ser o mais lídimo dos representantes da Região tão sofredora, que ainda hoje enfrenta estranhas incompREENsões, que eu chamaria, sem temer a redundância, de incompRENSIVEIS, sem receber, até hoje, o tratamento equânime que os governos deveriam dar às várias regiões em que se divide o Território nacional.

Eloy de Souza se servia sempre das conclusões e observações dos estudiosos especializados. Mas, tendo o estofo de um estadista — que só não voou mais alto porque não nasceu em Minas Gerais, ou em São Paulo, ou em qualquer outra província mais poderosa na política nacional, — sabia separar o útil e praticável do que era puramente especulativo, especulações nascidas, às vezes, de imaginações servilhantes, afeitas às soluções utópicas, àquelas soluções mirabolantes de que nos falava há pouco o nobre Senador Dinarte Mariz.

Por outro lado, Eloy de Souza, no seu verdadeiro fanatismo pela redenção do Nordeste, recusava, repelia o pessimismo e acreditava realmente nessa redenção. Este foi o segredo da sua tenacidade, depois de tantas decepções: o amor entranhado que tinha pela sua gente fazia com que se devotasse de corpo e alma à defesa apaixonada da grei.

Pouco vale a ciência dos técnicos, pouco adianta à felicidade dos povos o saber dos tecnocratas, se eles não se acham animados dessa preocupação pelo homem, o qual deve

ser o endereço de todas as suas atividades; Eloy de Souza sabia disso e não via o problema do Nordeste senão como o do nordestino, o do homem a quem ele, com os seus próprios olhos, vira morrer de fome, quer pela completa falta de recursos em consequência das secas, quer pelas inundações que destruíam todo trabalho feito na terra, que se mostrava fertilíssima, e que parecia ter renascido para converter-me na terra da promissão.

Combatteu, sempre, os desniveis regionais, como os vejo combatidos, aqui, por eminentes colegas de ambos os Partidos, e queria um desenvolvimento não desigual ou discriminatório, mas equânime e homogêneo, para todo o País.

Suas idéias eram acessíveis a quem quer que o lesse, ou ouvisse. Idéias simples como esta: o problema do Nordeste, pode-se resumir, não era propriamente a falta d'água. E exibia os índices de quedas pluviométricas nos diversos Estados da Região, confrontando-os com os de outras, em países estrangeiros. O que era preciso, dizia ele, na sua pregação infatigável, era captar ou represar essas águas em grandes açudes para distribuí-las em múltiplos canais de irrigação não permitindo que se perdessem no mar.

Por incrível que pareça, essa idéia simples era contestada por especialistas da época que ora sugeriam soluções catastróficas do ponto de vista demográfico para a Região, ora sugeriam outras mirabolantes, como o desvio do curso do Rio São Francisco. Discussões ridículas se armavam, sobre certas premissas, pelos teóricos da luta contra as secas e que nunca tinham visto uma seca — muitos jamais haviam visitado, sequer, o Nordeste — como esta, por exemplo: é a floresta que forma e conserva perezes, ou são os rios que formam e conservam a floresta?

Eloy de Souza respondia com paciência, mas com argumentos irrespondíveis, colhidos em observações próprias e em obras de autoridade, como se não percebesse que se estava perdendo tempo em indagar se era do ovo que saía a galinha ou se da galinha é que surgia o óvo.

O que ele reclamava era ação, era um plano de grande ação no Nordeste, antes de tudo. Até que um dia pareceu-lhe antever, no Nordeste, a hora da redenção: um Presidente nordestino tomou a peito o problema, inspirado nas idéias do lidador incansável, que, já em 1911, havia conseguido arrancar ao Congresso a criação da Caixa das Secas, ou Fundo das Secas, como se diria hoje.

A Lei Epitácio Pessoa dinamizou a luta e um grande luminar da engenharia brasileira, Arrojado Lisboa, foi posto à frente da execução do Plano. Durou pouco, entretanto, a alegria de Eloy de Souza, pois o novo Presidente, Artur Bernardes, adotou política diferente e paralisou as grandes obras iniciadas, no preciso momento em que se instalava, já, o custoso equipamento para realizá-las, e isto enorme prejuízo não apenas para o Nordeste mas para o País.

Pois bem, Sr. Presidente, Eloy de Souza não desanimou; continuou a bater-se pela

sua causa, com obstinação, tenacidade e espírito de luta que eram muito seus.

Às vezes, penso que os pioneiros que não dispõem do poder, mas apontam e equacionam a solução dos problemas, muito têm de sofrer, por mandado do destino, antes de verem realizadas suas idéias e fórmulas, sejam elas as mais racionais, as únicas realmente possíveis e eficientes.

No caso de Eloy de Souza, esteve quase todo o século, se batendo pela solução daqueles problemas.

E faço agora outra pergunta, por não querer alongar-me demasiado na tribuna: por que outro nordestino — nossa Bancada possui nomes brilhantes, como o de Ruy Carneiro...

O Sr. Ruy Carneiro — Muito obrigado.

O SR. DANTON JOBIM — não ocuparia hoje esta tribuna para contracenar com o eminente Senador pelo Rio Grande do Norte, Sr. Dinarte Mariz?

Mas foi bom, Sr. Presidente, foi bom que um homem do Centro-Leste como se diz hoje, ou se quiserem, um homem do Sul, venga prestar, em nome da Bancada do MDB, esta homenagem a Eloy de Souza, porque a Guanabara continua a ser aquela cidade-estado onde todos os brasileiros se sentem à vontade, como nos Estados de que procedem. O carioca, já se disse tantas vezes, é mais um estudo de espírito que uma naturalidade, porque todos nós, nascidos ou não naquele Estado, sentimo-nos realmente cariocas. Sem esquecer os interesses dos nossos rincões natais, nos integramos naquela gostosa e cordialíssima hospitalidade do Rio de Janeiro.

Por outro lado, é preciso também não esquecer que qualquer solução que se possa trazer para essa região-problema número

um do território nacional, que é o Nordeste, e que não corresponda precisamente aos objetivos de convertê-la numa região econômica e socialmente viável, como dizem hoje os economistas, afetará os destinos de todos nós, de toda a nação brasileira.

Os homens do Sul devem cooperar sinceramente não para que o Nordeste cresça apenas em números globais, mas para que o nordestino seja mais feliz, para que não seja obrigado a abandonar a sua terra a que tanto quer e cujas asperezas forjaram o seu caráter.

É preciso que todos aqui, nesta hora, recordemos a figura de Eloy de Souza como o representante típico do Nordeste e prestemos a essa Região a nossa sentida homenagem, a expressão da nossa solidariedade para que seja vista como um pedaço do Brasil que tenha efetivamente perspectivas e possa converter-se naquela terra de promissão com que sonhava o nosso homenageado de hoje.

Era o que queria dizer, Sr. Presidente. (Muito bem! Muito bem! Palmas. O orador é cumprimentado.)

O SR. PRESIDENTE (Paulo Torres) — Justas são as homenagens que o Senado acaba de tributar à memória do saudoso ex-senador Eloy de Souza.

Acabamos de ouvir, através da palavra de um nordestino, esta grande figura que o Nordeste deu ao Brasil que é o Senador Dinarte Mariz, o perfil do seu ilustre coetâneo o jornalista Eloy de Souza, e através também do verbo autorizado de um eminente homem do Sul, filho do grande Estado de São Paulo, o parlamentar e jornalista

Danton Jobim, que nós encantou com a sua palavra privilegiada, dizendo da vida daquele cidadão eminentemente que, nascendo no Nordeste, não pertencia mias a essa parte gloriosa do território natal, mas, sim, como todo nordestino ou sulino, ao Brasil.

Quando falava Danton Jobim, eu me lembro de umas palavras de Ruy Barbosa a respeito de Quintino Bocaiúva, aquele jornalista que entrava nos debates calcando luvas de pelica branca e delas saía sem uma leve tisna ter maculado sua brancura. Assim é a personalidade do nobre representante do Movimento Democrático Brasileiro cujo jubileu comemoramos há poucos dias, e que nas batalhas de Imprensa delas tem saído cada vez mais engrandecido.

Como são justas essas homenagens, a Mesa do Senado a elas se associa, rendendo também o seu preito de reconhecimento àquele que tanto elevou a nossa Pátria e este Parlamento, encantando a todos com o brilho de sua cultura e o fulgor de sua inteligência.

O SR. PRESIDENTE (Paulo Torres) — Lembro aos Srs. Senadores a sessão do Congresso Nacional, hoje, às 19 horas e 30 minutos, para a leitura das Mensagens Presidenciais nrs. 13, 14 e 15, de 1973.

Nada mais havendo que tratar, vou encerrar a sessão.

Designo para a próxima a seguinte

ORDEM DO DIA

TRABALHO DE COMISSÕES

O SR. PRESIDENTE (Paulo Torres) — Está encerrada a Sessão.

(Levanta-se a Sessão às 16 horas e 5 minutos.)

ATA DAS COMISSÕES

COMISSÃO MISTA

te Ata que, uma vez lida e aprovada, será assinada pelo Senhor Presidente

Incumbida de estudo e parecer sobre a Mensagem N° 1, de 1973 (CN), que “dispõe sobre o Tratamento Tributário das Operações de Compra de Mercadorias no Mercado Interno, para o fim específico da exportação, e dá outras providências”.

2ª REUNIÃO, REALIZADA EM 27 DE MARÇO DE 1973.

Às dez horas do dia vinte e sete de março do ano de mil novecentos e setenta e três, no Auditório do Senado Federal, sob a Presidência do Senhor Deputado Fernando Magalhães, presentes os Senhores Senadores João Cleofas, Lourival Baptista, Cattete Pinheiro, Saldanha Derzi, Renato Franco, Osires Teixeira, Waldemar Alcântara e Ruy Carneiro e os Senhores Deputados Adhemar de Barros Filho, Arthur Santos, Jonas Carlos, Marcondes Gadelha e Antônio Pontes, reúne-se a Comissão Mista para estudo e parecer sobre a Mensagem nº 1, de 1973 (CN), que “Dispõe sobre o Tratamento tributário das operações de compra de mercadorias no mercado interno, para o fim específico da exportação, e dá outras providências”.

É dispensada a leitura da Ata da reunião anterior.

Inicialmente, o Senhor Presidente concede a palavra ao Senhor Senador Lourival Baptista, que emite parecer concluindo favoravelmente à Mensagem, nos termos do Projeto de Decreto Legislativo, que oferece.

Em seguida, colocado em discussão e votação, é o parecer aprovado por unanimidade.

Nada mais havendo a tratar, encerra-se a reunião e, para constar, eu, Hugo Antonio Crepaldi, Assistente de Comissão, lavrei a presen-

Senadores

1. Guido Mondin
2. Wilson Gonçalves
3. João Cleofas
4. Lourival Baptista
5. Cattete Pinheiro
6. Saldanha Derzi
7. Jessé Freire
8. Renato Franco
9. Osires Teixeira
10. Waldemar Alcântara

Deputados

- | | |
|--------------|--|
| ARENA | <ol style="list-style-type: none"> 1. Adhemar de Barros Filho 2. Arthur Santos 3. Fernando Magalhães 4. Jonas Carlos 5. José Haddad 6. Norberto Schmidt 7. Sebastião Andrade 8. Souza Santos |
|--------------|--|

1. Ruy Carneiro

MDB

1. Marcondes Gadelha
2. Eloy Lenzi
3. Antônio Pontes

CALENDÁRIO

Dia 20-3-73 — É lida a Mensagem, em Sessão Conjunta;
Até Dia 9-4-73 — Apresentação do parecer, pela Comissão de acordo com o art. 110, do Regimento Comum.

Prazo

Até dia 9-4-73 na Comissão Mista;

Até dia 30-4-73 no Congresso Nacional.

Subsecretaria de Comissões: Serviço de Comissões Mistas, especiais e de inquérito — Anexo do Senado Federal — 11º andar — Secretário: Hugo Crepaldi — Telefone: 24-8105 — Ramal 303.

COMISSÃO MISTA

Incumbida de estudo e parecer sobre a Mensagem Nº 10, 1973-(CN), que submete à deliberação do Congresso Nacional texto do Decreto-lei nº 1.257, de 7 de fevereiro de 1973, que “estende às borrachas naturais beneficiadas, de qualquer procedência, os favores previstos no convênio de 29 de março de 1958, entre o Brasil e a Bolívia, aplicáveis às borrachas em bruto”.

1ª REUNIÃO, DE INSTALAÇÃO, REALIZADA EM 27 DE MARÇO DE 1973

Às dez horas e trinta minutos do dia vinte e sete de março do ano de mil novecentos e setenta e três, no auditório do Senado Federal, presentes os Senhores Senadores Flávio Britto, Geraldo Mesquita, José Lindoso, Saldanha Derzi, Clodomir Millet, Waldemar Alcântara, Heitor Dias e Ruy Carneiro e os Senhores Deputados Adhemar Ghisi, Passos Porto, Vasco Amaro, Sebastião Andrade e Djalma Marinho, reúne-se a Comissão Mista sobre a Mensagem nº 10, de 1973-(CN).

De acordo com o que preceitua o Regimento Comum, assume a presidência o Senhor Senador Heitor Dias, que declara instalada a Comissão.

A fim de cumprir dispositivos regimentais, o Sr. Presidente esclarece que irá proceder a eleição do Presidente e do Vice-Presidente. Distribuídas as cédulas o Sr. Presidente convida para funcionar como escrutinador o Senhor Deputado Passos Porto.

Procedida a eleição, verifica-se o seguinte resultado:

Para Presidente:

Senador José Lindoso — 12 votos
Em branco — 1 voto

Para Vice-Presidente:

Deputado Joel Ferreira — 12 votos
Em branco — 1 voto

São declarados eleitos, respectivamente, Presidente e Vice-Presidente, os Senhores Senador José Lindoso e Deputado Joel Ferreira.

Assumindo a presidência o Sr. Senador José Lindoso agradece a seus pares a honra com que foi distinguido e designa para relatar a matéria o Senhor Deputado Adhemar Ghisi.

Nada mais havendo a tratar, encerra-se a reunião e para constar, eu, Leda Ferreira da Rocha, Assistente da Comissão, lavrei a presente Ata que, lida e aprovada, será assinada pelo Senhor Presidente. — Senadores Flávio Britto — Geraldo Mesquita — José Lindoso — Saldanha Derzi — Clodomir Millet — Waldemar Alcântara — Heitor Dias — Ruy Carneiro — Deputados Adhemar Ghisi — Passos Porto — Vasco Amaro — Sebastião Andrade — Djalma Marinho.

COMPOSIÇÃO

Presidente: Senador José Lindoso
Vice-Presidente: Deputado Joel Ferreira
Relator: Deputado Adhemar Ghisi

Senadores

1. Flávio Britto
2. José Guiomard
3. Geraldo Mesquita
4. José Lindoso
5. Saldanha Derzi
6. Clodomir Millet
7. Waldemar Alcântara
8. Heitor Dias
9. Teotônio Vilela
10. José Esteves

DEPUTADOS

ARENA

1. Adhemar Ghisi
2. Alpheu Gasparini
3. Adwaldo Flores
4. Lins e Silva
5. Passos Porto
6. Vasco Amaro
7. Sebastião Andrade
8. Djalma Marinho

MDB

1. Ruy Carneiro.

1. Ruy Lino
2. Joel Ferreira
3. João Menezes

CALENDÁRIO

Dia 26-3-73 — É lida a Mensagem, em Sessão Conjunta;
Até Dia 15-4-73 — Apresentação do parecer, pela Comissão, de acordo com o art. 110, do Regimento Comum.

Prazo

Até dia 15-4-73 — Na Comissão Mista;
Até dia 30-4-73 — No Congresso Nacional.

Subsecretaria de Comissões: Serviço de Comissões Mistas, Especiais e de Inquérito — 11º andar — Anexo do Senado Federal — Assistente: Leda Ferreira da Rocha — Telefone: 24-8105 — Ramais 312 e 303.

COMISSÃO MISTA

Incumbida de estudo e parecer sobre a Mensagem nº 11, de 1973 (CN), que submete à elevada deliberação do Congresso Nacional, o texto do Decreto-lei nº 1.258, de 13 de fevereiro de 1973, que “reajusta os vencimentos dos servidores civis e militares do Distrito Federal e dá outras providências”.

ATA DA 1ª REUNIÃO (INSTALAÇÃO), REALIZADA EM 27 DE MARÇO DE 1973

Às dez horas e trinta minutos do dia vinte e sete de março de mil novecentos e setenta e três, no Auditório do Senado Federal, presentes os Senhores Senadores Guido Mondin, Luiz Cavalcanti, Virgílio Távora, Magalhães Pinto, Milton Trindade e Ruy Carneiro e os Senhores Deputados Gabriel Hermes, Leão Sampaio, Manoel Rodrigues, Osmar Leitão, José Freire e Lisâneas Maciel, reúne-se a Comissão Mista para estudo e parecer sobre a Mensagem nº 11, de 1973 (CN).

De acordo com o que preceitua o Regimento Comum, assume a presidência o Senhor Senador Ruy Carneiro, que declara instalada a Comissão.

A fim de cumprir dispositivo regimental o Sr. Presidente esclarece que irá proceder à eleição do Presidente e Vice-Presidente. Distribuídas as cédulas o Sr. Presidente convida para funcionar como escrutinador o Senhor Deputado Leão Sampaio.

Procedida a eleição, verifica-se o seguinte resultado:

Para Presidente:

Deputado Gabriel Hermes — 11 votos
Senador Magalhães Pinto — 1 voto

Para Vice-Presidente:

Deputado Lisâneas Maciel — 11 votos
Deputado José Freire — 1 voto

São declarados eleitos, respectivamente, Presidente e Vice-Presidente os Senhores Deputados Gabriel Hermes e Lisâneas Maciel.

Assumindo a presidência o Senhor Deputado Gabriel Hermes designa para funcionar como Relator o Senhor Senador Virgílio Távora.

Nada mais havendo a tratar, encerra-se a reunião e para constar, eu, Cláudio Carlos Rodrigues Costa, Assistente da Comissão, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, será assinada pelo Sr. Presidente. — *Gabriel Hermes*, Presidente — *Lisâneas Maciel*, Vice-Presidente — *Virgílio Távora*, Relator — *Guido Mondin* — *Luiz Cavalcanti* — *Magalhães Pinto* — *Milton Trindade* — *Ruy Carneiro* — *Leão Sanpaio* — *Manoel Rodrigues* — *Osmar Leitão* — *José Freire*.

COMPOSIÇÃO

Presidente: Deputado Gabriel Hermes
Vice-Presidente: Deputado Lisâneas Maciel
Relator: Senador Virgílio Távora

Senadores

ARENA

1. Guido Mondin
2. Ney Braga
3. Luiz Cavalcanti
4. Virgílio Távora
5. Mattos Leão
6. Magalhães Pinto
7. José Sarney
8. Milton Trindade
9. Fausto Castelo-Branco
10. João Calmon

1. Ruy Carneiro

MDB

1. Brígido Tinoco
2. José Freire
3. Lisâneas Maciel

CALENDÁRIO

Dia 26-03-73 — É lida a Mensagem, em Sessão Conjunta;
Até dia 15-04-73 — Apresentação do parecer, pela Comissão, de acordo com o art. 110 do Regimento Comum.

Prazo

Até dia 15-04-73, na Comissão Mista;
Até dia 30-04-73, no Congresso Nacional.

Subsecretaria de Comissões: Serviço de Comissões Mistas, Especiais e de Inquérito — 11º andar — Anexo do Senado Federal — Assistente: Cláudio Carlos Rodrigues Costa — Telefone: 24-81-05 — Ramais 306 e 303.

COMISSÃO MISTA

Incumbida de estudo e parecer sobre a mensagem nº 12, de 1973, que submete à deliberação do Congresso Nacional texto do Decreto-lei nº 1.259, de 19 de fevereiro de 1973, que "revoga o parágrafo único, do artigo 2º, do Decreto-lei nº 759, de 12 de agosto de 1969, introduz novas disposições e dá outras providências".

1º REUNIÃO, REALIZADA EM 27 DE MARÇO DE 1973.

Às onze horas do dia vinte e sete de março de mil novecentos e setenta e três, no Auditório do Senado Federal, presentes os Senhores Senadores Eurico Rezende, Carvalho Pinto, Magalhães Pinto, Lenoir Vargas, Arnon de Mello, Wilson Campos, Renato Franco e Antônio Carlos, e os Senhores Deputados Wilson Falcão, Sinval Guazzelli, Etelvino Lins, Siqueira Campos, Sussumu Hirata e Jose Camargo, reúne-se a Comissão Mista incumbida de estudo e parecer sobre a Mensagem nº 12, de 1972 (CN), que submete à deliberação do Congresso Nacional texto do Decreto-lei nº 1259, de 19 de fevereiro de 1973, que "revoga o parágrafo único, do artigo 2º, do Decreto-lei nº 759, de 12 de agosto de 1969, introduz novas disposições, e dá outras providências".

De acordo com o que preceitua o Regimento Comum, assume a presidência o Senhor Senador Renato Franco, que declara instalada a Comissão.

A fim de cumprir dispositivo regimental, o Senhor Presidente esclarece que irá proceder a eleição do Presidente e do Vice-Presidente. Distribuídas as cédulas, o Senhor Presidente convida para funcionar como escrutinador o Senhor Deputado Wilson Falcão.

Procedida a eleição, verifica-se o seguinte resultado:

Para Presidente:

Senador Wilson Campos — 13 votos
Em branco — 1 voto

Para Vice-Presidente:

Deputado José Camargo — 12 votos
Em branco — 1 voto

São declarados eleitos, respectivamente, Presidente e Vice-Presidente os Senhores Senador Wilson Campos e Deputado José Camargo.

Assumindo a presidência, o Senhor Senador Wilson Campos agradece aos membros da Comissão a honra com que foi distinguido e designa para funcionar como relator da matéria o Senhor Deputado Sinval Guazzelli.

Nada mais havendo a tratar, encerra-se a reunião e, para constar, eu, Cândido Hippert, Assistente da Comissão, lavrei a presente Ata que, lida e aprovada, é assinada pelo Senhor Presidente e demais membros presentes. — Senadores Eurico Rezende — Carvalho Pinto — Magalhães Pinto — Lenoir Vargas — Arnon de Mello — Wilson Campos — Renato Franco — Antônio Carlos — Deputados: Wilson Falcão — Sinval Guazzelli — Etelvino Lins — Siqueira Campos — José Camargo — Sussumu Hirata.

COMPOSIÇÃO

Presidente: Senador Wilson Campos
Vice-Presidente: Deputado José Camargo
Relator: Deputado Sinval Guazzelli

Senadores

ARENA

1. Eurico Rezende
2. Carvalho Pinto
3. Magalhães Pinto
4. Lenoir Vargas
5. Arnon de Mello
6. Wilson Campos
7. Renato Franco
8. Gustavo Capanema
9. Daniel Krieger
10. Antônio Carlos

1. Franco Montoro

Deputados

1. Ozanan Coelho
2. Sussumu Hirata
3. Vingi Rosado
4. Wilson Falcão
5. Sinval Guazzelli
6. Etelvino Lins
7. José Silva Barros
8. Siqueira Campos

MDB

1. Léo Simões
2. José Camargo
3. Olivir Gabardo

CALENDÁRIO

Dia 26-3-73. É lida a Mensagem, em Sessão Conjunta;
Até Dia 15-4-73. Apresentação do parecer, pela Comissão, de Acordo com o art. 110, do Regimento Comum.

Prazo

Até dia 15-4-73 na Comissão Mista;
Até dia 30-4-73 no Congresso Nacional

Subsecretaria de Comissões: Serviço de Comissões Mistas, Especiais e de Inquérito — 11º andar — Anexo do Senado Federal — Assistente: — Cândido Hippert — Telefone: 24.81.05 — Ramais 312 e 303.

MESA		LIDERANÇA DA ARENA E DA MAIORIA
Presidente: Filinto Müller (ARENA — MT)	3º-Secretário: Milton Cabral (ARENA — PB)	Líder: Petrônio Portella (ARENA — PI) Vice-Líderes: Eurico Rezende (ARENA — ES) Ney Braga (ARENA — PR) Virgílio Távora (ARENA — CE) Dinarte Mariz (ARENA — RN) José Lindoso (ARENA — AM) Flávio Britto (ARENA — AM) Saldanha Derzi (ARENA — MT) Osires Teixeira (ARENA — GO) Guido Mondin (ARENA — RS)
1º-Vice-Presidente: Paulo Tôrres (ARENA — RJ)	4º-Secretário: Benedito Ferreira (ARENA — GO)	
2º-Vice-Presidente: Adalberto Sena (MDB — AC)	Suplentes de Secretários	
1º-Secretário: Ruy Santos (ARENA — BA)	Geraldo Mesquita (ARENA — AC)	LIDERANÇA DO MDB E DA MINORIA
2º-Secretário: Augusto Franco (ARENA — SE)	José Augusto (ARENA — MG)	Líder: Nelson Carneiro (MDB — GB) Vice-Líderes: Danton Jobim (MDB — GB) Benjamin Farah (MDB — GB)
	Antônio Fernandes (ARENA — BA)	
	Ruy Carneiro (MDB — PB)	

COMISSÃO DE AGRICULTURA — (CA) (7 Membros)		COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA — (CCJ) (13 Membros)	
COMPOSIÇÃO		COMPOSIÇÃO	
Titulares	Suplentes	Titulares	Suplentes
ARENA		ARENA	
Antônio Fernandes Vasconcelos Torres Paulo Guerra Ney Braga Flávio Britto Mattos Leão	Tarso Dutra João Cleofas Fernando Corrêa	José Lindoso José Sarney Carlos Lindenberg Helvídio Nunes Antônio Carlos Mattos Leão Heitor Dias Gustavo Capanema Wilson Gonçalves José Augusto Daniel Krieger Accioly Filho	Eurico Resende Osires Teixeira João Calmon Lenoir Vargas Vasconcelos Torres Carvalho Pinto
MDB		MDB	
Amaral Peixoto	Ruy Carneiro	Nelson Carneiro	Franco Montoro
COMISSÃO DE ASSUNTOS REGIONAIS — (CAR) (7 Membros)		COMISSÃO DO DISTRITO FEDERAL — (DF) (11 Membros)	
COMPOSIÇÃO		COMPOSIÇÃO	
Titulares	Suplentes	Titulares	Suplentes
ARENA		ARENA	
José Guiomard Teotônio Vilela Dinarte Mariz Wilson Campos José Esteves Clodomir Milet	Saldanha Derzi Osires Teixeira Lourival Baptista	Dinarte Mariz Eurico Rezende Cattete Pinheiro Ney Braga Osires Teixeira Fernando Corrêa Saldanha Derzi Heitor Dias Antônio Fernandes José Augusto	Carlos Lindenberg Luiz Cavalcante Waldemar Alcântara José Lindoso Wilson Campos
MDB		MDB	
Ruy Carneiro	Franco Montoro	Ruy Carneiro	Nelson Carneiro

COMISSÃO DE ECONOMIA — (CE)

(11 Membros)

COMPOSIÇÃO

Titulares

Magalhães Pinto
Vasconcelos Torres
Wilson Campos
Jessé Freire
Arnon de Mello
Teotônio Villela
Paulo Guerra
Renato Franco
Helvídio Nunes
Luiz Cavalcante

ARENA

MDB

Franco Montoro

Suplentes

Domício Gondim
José Augusto
Geraldo Mesquita
Flávio Britto
Leandro Maciel

Amaral Peixoto

COMISSÃO DE LEGISLAÇÃO SOCIAL — (CLS)

(7 Membros)

COMPOSIÇÃO

Titulares

Heitor Dias
Domício Gondim
Renato Franco
Guido Mondin
Ney Braga
Eurico Rezende

ARENA

MDB

Franco Montoro

Suplentes

Wilson Campos
Accioly Filho
José Esteves

Danton Jobim

COMISSÃO DE EDUCAÇÃO E CULTURA — (CEC)

(7 MEMBROS)

COMPOSIÇÃO

Titulares

Gustavo Capanema
João Calmon
Tarso Dutra
Geraldo Mesquita
Cattete Pinheiro
Milton Trindade

ARENA

MDB

Benjamin Farah

Suplentes

Arnon de Mello
Helvídio Nunes
José Sarney

Franco Montoro

COMISSÃO DE MINAS E ENERGIA — (CME)

(7 Membros)

COMPOSIÇÃO

Titulares

Arnon de Mello
Luiz Cavalcante
Leandro Maciel
Milton Trindade
Domício Gondim
Lenoir Vargas

ARENA

Suplentes

Paulo Guerra
Antônio Fernandes
José Guiomard

MDB

Benjamim Farah

Danton Jobim

COMISSÃO DE FINANÇAS — (CF)

(17 MEMBROS)

COMPOSIÇÃO

Titulares

Celso Ramos
Lourival Baptista
Saldanha Derzi
Geraldo Mesquita
Alexandre Costa
Fausto Castelo-Branco
Lenoir Vargas
Jessé Freire
João Cleofas
Carvalho Pinto
Virgílio Távora
Wilson Gonçalves
Mattos Leão
Tarso Dutra

ARENA

MDB

Amaral Peixoto
Ruy Carneiro
Danton Jobim

Suplentes

Cattete Pinheiro
Antônio Carlos
Daniel Krieger
Milton Trindade
Dinarte Mariz
Emival Caiado
Flávio Britto
Eurico Rezende

Nelson Carneiro

COMISSÃO DE REDAÇÃO — (CR)

(5 Membros)

COMPOSIÇÃO

Titulares

Antônio Carlos
José Lindoso
José Augusto
Emival Caiado

ARENA

Cattete Pinheiro
Wilson Gonçalves

Suplentes

Danton Jobim

MDB

Ruy Carneiro

COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES — (CRE)

(15 Membros)

COMPOSIÇÃO**Titulares**

ARENA

Carvalho Pinto
Wilson Gonçalves
Jessé Freire
Fernando Corrêa
Antônio Carlos
Arnon de Mello
Magalhães Pinto
Accioly Filho
Saldanha Derzi
José Sarney
Lourival Baptista
João Calmon

Suplentes

Dinarte Mariz
Fausto Castelo-Branco
Carlos Lindenberg
José Lindoso
José Guiomard
Cattete Pinheiro
Virgílio Távora
Ney Braga

MDB

Franco Montoro
Danton Jobim
Nelson Carneiro

Amaral Peixoto

COMISSÃO DE SAÚDE - (CS)(7 Membros)
COMPOSIÇÃO**Titulares**

ARENA

Fernando Corrêa
Fausto Castelo-Branco
Cattete Pinheiro
Lourival Baptista
Duarte Filho
Waldemar Alcântara

MDB

Benjamin Farah

Suplentes

Saldanha Derzi
Wilson Campos
Clodomir Milet

Ruy Carneiro

COMISSÃO DE SEGURANÇA NACIONAL - (CSN)

(7 Membros)

COMPOSIÇÃO**Titulares**

ARENA

Waldemar Alcântara
José Lindoso
Virgílio Távora
José Guiomard
Flávio Britto
Vasconcelos Torres

MDB

Benjamin Farah

Suplentes

Alexandre Costa
Celso Ramos
Milton Trindade

Amaral Peixoto

COMISSÃO DE SERVIÇO PÚBLICO CIVIL(CSPC)
(7 Membros)**COMPOSIÇÃO****Titulares**

ARENA

Tarso Dutra
Emíval Caiado
Celso Ramos
Osires Teixeira
Heitor Dias
Jessé Freire

MDB

Amaral Peixoto

Suplentes

Magalhães Pinto
Gustavo Capanema
Paulo Guerra

**COMISSÃO DE TRANSPORTES, COMUNICAÇÕES
E OBRAS PÚBLICAS - (CT)**(7 Membros)
COMPOSIÇÃO**Titulares**

ARENA

Leandro Maciel
Alexandre Costa
Luiz Cavalcante
Lenoir Vargas
Geraldo Mesquita
José Esteves

MDB

Danton Jobim

Suplentes

Dinarte Mariz
Duarte Filho
Virgílio Távora

Benjamin Farah

Constituição da República Federativa do Brasil

(Emenda Constitucional n.º 1, de 17-10-69)

FORMATO DE BOLSO

PREÇOS:

EM BROCHURA	Cr\$ 2,00
ENCADERNADA EM PLÁSTICO	Cr\$ 3,50
ENCADERNADA EM PELECA	Cr\$ 7,00

MAR TERRITORIAL

DOIS VOLUMES CONTENDO 862 PÁGINAS

- REUNIÃO DO COMITÉ JURÍDICO INTERAMERICANO
- CONFERÊNCIA SOBRE O DIREITO DO MAR (GENEBRA 1971)
- 58 CONFERÊNCIA INTERPARLAMENTAR DE HAIA
- ARTIGOS SOBRE O MAR TERRITORIAL
- PRONUNCIAMENTO NO CONGRESSO SOBRE ASSUNTOS DO MAR
- OS NOVOS CAMINHOS DO MAR
- LEGISLAÇÃO E ACORDOS INTERNACIONAIS INTERESSADOS
- LEGISLAÇÃO ESTRANGEIRA
- ACORDOS INTERNACIONAIS
- REUNIÃO LATINO-AMERICANA SOBRE ASPECTOS DO DIREITO DO MAR

PREÇO DE VENDA: DOIS VOLUMES CR\$ 35,00

O CONGRESSO NACIONAL E O PROGRAMA DE INTEGRAÇÃO SOCIAL

HISTÓRICO DA LEI COMPLEMENTAR N.º 7, DE 7-9-70

COMISSÃO MISTA

- Designação de membros (DCN — 22-8-1970, pág. 464)
- Instalação — 1ª Reunião (DCN — S. II — 22-8-1970, pág. 3.486)
- Debates — 2ª Reunião (DCN — S. II — 12-9-1970, pág. 3.837)

DISCURSOS

(Na Câmara dos Deputados, no Senado Federal e em Sessão Conjunta do Congresso Nacional — *yide índice de oradores*)

DISCUSSÃO DO PROJETO

(DCN — 4-9-1970, pág. 596)

EMENDAS

- (DCN — 2-9-1970, pág. 477)
- Parecer do Relator às emendas (DCN — 3-9-1970, pág. 542)
- Debates na Comissão Mista; votação das emendas na Comissão Mista (DCN — S. II — 12-9-1970, pág. 3.837)
- Votação das emendas (DCN — 4-9-1970, pág. 613)

LEITURA DO PROJETO

(DCN — 22-8-1970, pág. 464)

MENSAGEM N.º 13/70

Do Poder Executivo, encaminhando o Projeto à consideração do Congresso Nacional (DCN — 22-8-1970, pág. 464)

PARECER DA COMISSÃO MISTA

(DCN — 3-9-1970, pág. 530)

PARECER DO RELATOR

(DCN — 3-9-1970, pág. 530)

PROJETO DE LEI COMPLEMENTAR

- Mensagem do Poder Executivo, solicitando que a matéria se transforme em Projeto de Lei Complementar — (DCN — S. II — 27-8-1970, pág. 3.560)

SANÇÃO

- Lei Complementar nº 7/70 (D.O. — 8-9-1970, 1ª pág.)

SUBSTITUTIVO DO RELATOR

- (DCN — 3-9-1970, pág. 558)
- Votação em Sessão Conjunta, aprovação (DCN — 4-9-1970, pág. 613)

VOTAÇÃO DO PROJETO

(DCN — 4-9-1970, pág. 613)

VOTOS DE DECLARAÇÕES DE

(DCN — 4-6-1970, pág. 617)

Volume com 356 páginas — Preço: Cr\$ 10,00

TRABALHO ELABORADO E REVISADO PELA DIRETORIA
DE INFORMAÇÃO LEGISLATIVA

ÍNDICE DO CÓDIGO CIVIL APLICADO NO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL

Organizado por Jardel Noronha e Odaléa Martins

Explicação dos autores:

O presente trabalho, que denominamos **ÍNDICE DO CÓDIGO CIVIL APLICADO NO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL**, foi elaborado com a coleção de acórdãos, cujos processos versam sobre Direito Civil e foram julgados à luz do **CÓDIGO CIVIL**.

Para melhor orientação e facilidade do encontro do assunto de interesse do consultante, coordenamos um índice por ordem alfabética e outro, ao qual denominamos

classificação, por ordem de artigo do Código Civil. Neste índice, vamos encontrar um mesmo artigo citado várias vezes; isso deve ao fato de que o julgamento, embora envolvendo o artigo "X", inclui, também, outra legislação, e, além disso, virá mostrar a uniformidade dos julgados pelo Excelso Pretório proferidos.

Compilamos os julgados por ordem numérica, não importando a espécie do processo, facilitando, assim, seu manuseio, e abaixo damos o roteiro:

I PARTE: a) Classificação, por artigo, do Código Civil — V; b) Legislação Complementar — CLXV; **II PARTE:** a) Súmulas do STF aplicadas ao Código Civil — 1; b) Julgamentos — 27; **III PARTE:** a) Índice alfabético remissivo — 389; b) Índice numérico por espécie de processo — 458.

Preço do volume com 680 páginas em brochura Cr\$ 30,00
encadernado, impresso em papel bíblia Cr\$ 40,00

JURISPRUDÊNCIA DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL

“REFERÊNCIAS DA SÚMULA DO STF”

Trabalho completo da Súmula do STF, contendo todos os Acórdãos, Leis federais, estaduais, municipais, Decretos, Decretos-leis, Portarias, Resoluções e o Regimento Interno do STF, que serviram de base à Súmula.

CONTENDO AS 551 SÚMULAS OFICIAIS

No 10.º Volume o índice completo por matéria. — O 20.º Volume contém os enunciados das novas Súmulas n.ºs 473 a 551. — O 21.º Volume contém o Regimento Interno do STF (atualizado).

PREÇO: CR\$ 20,00 POR VOLUME, EM BROCHURA — OBRA TOTAL: 30 VOLUMES, INCLUINDO-SE, AS 79 NOVAS SÚMULAS

(Trabalho de Jardel Noronha e Odaléa Martins)

ALTERAÇÕES À SÚMULA DA JURISPRUDÊNCIA PREDOMINANTE NO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL

ÍNDICE GERAL: Apresentação — Composição do Tribunal — Processos da competência do STF (Portaria n.º 87) — Índice alfabético e remissivo — Súmulas alteradas (n.ºs 2 — 11 — 71 — 73 — 74 — 118 — 146 — 152 — 211 — 240 — 274 — 345 — 358 — 370 — 416 — 427 — e 435) — Aplicação das Súmulas n.ºs 473 a 551.

Volume com 324 páginas, organizado por Jardel Noronha e Odaléa Martins.

Preço Cr\$ 25,00

REGIMENTO INTERNO E TABELA DE CUSTAS DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL COM ÍNDICE E LEGISLAÇÃO CITADA

Volume com 104 páginas — Preço: Cr\$ 5,00

Centro Gráfico do Senado Federal
Caixa Postal 1.503
Brasília — DF